



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**LORENA BRAGA MONTEIRO**

Artimanhas de sobrevivência e afeto LGBTQIA+

Orientadora: Professora Doutora Cecília Paiva Neto Cavalcanti

Rio de Janeiro

2022

**LORENA BRAGA MONTEIRO**

**Artimanhas de sobrevivência e afeto LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Serviço Social  
da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharela em  
Serviço Social

Orientadora: Professora Doutora Cecília  
Paiva Neto Cavalcanti

Rio de Janeiro

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Exu, agradeço o senhor do tempo, do fogo e da minha vida, por ter permitido que eu chegasse até aqui, e finalizasse essa jornada. Laroye meu pai.

Seu João Caveira, Seu Marabo, Pai Benedito, Seu Tupinamba, Maria Padilha, Dona Samira que com suas palavras sempre me deram forças para não desistir, obrigada por todo axé e força.

Mãe Neia, essa senhora com tamanha sabedoria que sempre fez questão de me lembrar a importância de concluir a graduação. Me lembrando sempre que eu ia conseguir, sua benção mãe.

Larissa, você segurou na minha mão e me mostrou que era possível concluir isso, eu sou muito grata por todas as horas e dias que você se dedicou a me ajudar com muito amor e paciência nessa produção. Você foi fundamental para que esse texto esteja pronto.

Liane, você foi muito importante com todo seu carinho e fé em mim e na minha capacidade me dando muitos colinhos nos momentos de choro e desespero.

Deborah, minha irmã, parceira de vitórias e derrotas... Quantos apertos e alegrias compartilhamos em todos esses anos... Obrigada por todo apoio e incentivo para que esse trabalho fosse concluído e tantas outras coisas da minha vida fossem possíveis.

Pamela, ô minha amiga, eu consegui, obrigada por todo incentivo e acolhida dos meus surtos e choros, por ter sentado comigo e me mostrar uma série de caminhos possíveis para esse TCC sair.

Helena, obrigada por tantas e tantas vezes me ouvir com o mesmo papo de sempre e falar pra eu seguir que eu iria conseguir.

Cintia Guedes, você é um grande exemplo pra mim, admiro a sua existência e sabedoria, sou muito grata pelo apoio que você me deu quando eu estava completamente perdida.

Kayê, que companhia rica que você foi na minha vida, com você aprendi muito sobre mim e sobre o mundo. Sou muito grata por todas nossas trocas de afetos e saberes.

Lazaro, irmãozinho, que sem mim seria “dofonitinho”, obrigada por existir na minha vida há tantos anos e me apoiar tanto durante essa saga de graduação que parecia nunca ter fim.

Dora, você foi a primeira a ouvir sobre o que era esse projeto e me ajudar a montar essa maravilhosidade de trabalho que escrevi. Muito obrigada.

Monique Cruz, negona, que delícia esse seu abraço, que delícia esse conforto que você foi na minha alma. Um dia inteiro de muitas trocas, afeto e cuidado, você me salvou e me ajudou a chegar até aqui.

Rosangela, mãe... Obrigada por em algum momento entender o que significa isso pra mim e estar junto para festejar essa minha vitória.

Lilian, eu te agradeço e a Livinha também vocês são minha família, sua força e vitórias serviram de horizonte para eu não desistir desse ciclo.

Sthephanie, minha irmã gêmea, muito obrigada por todos esses anos sendo um eixo na minha vida, nunca tendo desistido de mim, por sempre acreditar no nosso amor e que é possível seguir viva.

Dee Dee, você que leu Judith Butler pra mim como se fosse história de ninar, pegou na minha mãozinha, acolheu muitos momentos de desespero me tranquilizando e dizendo que iria dar certo. Tantas noites e dias ficamos juntos nessa batalha! Sem sua dedicação, amor e cuidado esse trabalho não existiria.

Indianarae, você foi a primeira pessoa trans que eu conheci na minha vida, me ensinou tantas coisas ao longo desses anos que tive a oportunidade de estar ao seu lado na rua, e por tantos lugares nessa vida. Obrigada por existir, ter essa força e acreditar em você mesma.

Ani, obrigada por tanto apoio e amor durante toda a construção desse trabalho, e da minha existência junto de você.

Naomi, amor da minha vida, obrigada por partilhar seus saberes e vivências comigo, foi fundamental para a construção desse trabalho e principalmente para a construção de quem eu sou.

Luciana na, LU BY LU, sua maravilhosa, que vida juntas que tivemos, quantas histórias, quantas aulas, você é tão incrível. Obrigada por tudo que trocamos ao longo dessa vida, eu que possamos trocar muito mais.

Luisa, a médica mais maravilhosa desse mundo, obrigada por ter chegado na minha vida com tanta doçura e ter partilhado tanto da sua vida e história comigo.

Cecilia, você salvou a minha vida, foi como uma mãe, uma amiga, parceira mesmo, todas as vezes que eu mais precisei você me salvou. Quanta paciência, fé e amor você me deu. Obrigada por ter esperado tanto tempo sem desistir de mim, e desse projeto. Estou muito grata por a gente ter se escolhido para fazer isso juntas.

Regina, quantos cigarros, cafés e deboches ao longo desses anos, esse humor maravilhoso e contagiante, obrigada por todo apoio nessas trocas e nas minhas transgressões acadêmicas.

Andressa, você é uma deusa bicha, que delicia ter estudado com você e ter participado de tantos momentos da sua vida, aprendi tanto com esse seu jeito doce de me contar uns negócios de arrancar os cabelos, você nunca duvidou de mim e eu sou muito grata por isso.

Joyce, quantas risadas altas nas nossas reuniões de LEP, quanta coerência, minha amiga. Obrigada por ter feito parte disso e por todo o trabalho incrível que você faz como assistente social. Confia em você, porque eu confio muito.

Walla, princesa, quando eu fui na sua banca de defesa do TCC, foi muito importante para eu saber o quanto nossos corpos podem sim terminar esses ciclos. Eu te admiro muito por ser essa fofura que você é. Obrigada por ser essa maravilhosidade.

Camilinha, cariño, desde o dia que botei meus olhos em você lá em Salvador, eu sabia que eu queria ficar velha fofocando com você em uma varanda, horas vendo filmes ruins até capotar de sono, acordar e o filme ruim estar passando ainda. Você foi força motriz pra esse trabalho sair! Quantas manhãs a gente ficou horas falando das nossas metas do dia e tentando se ajudar a fazer aquilo que precisava ser feito! Você já me viu tantas vezes em desespero porque eu não conseguia fazer esse trabalho! Achava que seria impossível! Mas você falava que eu ia conseguir e me ajudava com tudo que podia. Que delícia ter você como amiga, que delícia que você existe.

Maria Alice, sem você eu acho que nem teria entrado na UFRJ. Eu completamente perdida nos processos burocráticos para que isso acontecesse, você me enviando links e me dizendo o que fazer. Obrigada por estar há tanto tempo na minha vida.

Agradeço a todes que seguem nessa luta contra as opressões dos corpos e sexualidades não normativas, que possamos seguir lutando e sempre nos amando nessa construção.

## Epígrafe

A solidão é matéria que conheço  
Fardo Ancestral  
O meu corpo é terra de desespero  
Autocompaixão alijada na essência  
Quanto mais eu sigo mais a dor me segue  
Não paro  
Escrevendo com as unhas na madeira  
Com sangue na pedra  
Não há parada pra preta, sapatão, da periferia.  
Se a gente para  
Morre  
E não morre só  
Esse CISTema é tão fodido  
Que a maior referência é ver vive quem tem dividido as trincheiras  
Resistência pela sobrevivência.

*Poesia de Lorena Braga*

## RESUMO

Esse trabalho é uma produção cuidadosa e afetiva que conta a história de um movimento revolucionário chamado Casa Nem, uma casa que transformou a história de muitas pessoas LGBTQIA+ - inclusive a minha. Pela possibilidade de lutar lado a lado em uma força coletiva, com o PreparaNem e outros projetos. As principais referências desse trabalho são as vozes das pessoas que viveram na Casa Nem e ajudaram a construir essa história, tendo como base teórica mulheres negras que falam do aprendizado por meio do afeto, e que reconhecem o poder da educação para corpos marginalizados que lutam a todo instante para seguir vivos e com dignidade. Também me apoio nos estudos de Conceição Evaristo com o conceito de escrevivência, relembro e reviso algumas colocações de José Silvério Trevisan, além de contar com leituras de Audre Lorde, bell hooks, Judith Butler, entre outras pensadoras que buscam ir contra a cisheteronormatividade. Busco destacar nesse trabalho a força e o poder da união entre pessoas LGBTQIA+ na luta pela vida e transformação social. Tendo sempre como fundamento a noção de que a Casa Nem é uma revolução das vozes que sempre foram silenciadas, dos corpos não normativos que nunca tiveram direito de existir. É o grito do impossível. Estamos vivos e estamos mudando as estruturas da sociedade! Essa história tem que ser contada e precisa ser contada por nós.

Palavras chave: Gueto; cisheteronorma; aprendizado emancipatório, luta coletiva, Casa Nem.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cartaz “Não compre bebida de quem não reage à transfobia”	21
Figura 2: Fachada da Casa Nem no Beco do Rato, Lapa.	22
Figura 3: Aula de Geografia no Prepara Nem ainda na Casa Nuvem, Lapa.	23
Figura 4: aula do CosturaNem na Casa Nem, Lapa.	24
Figura 5: 1ª Mostra Anarca Filmes de Cinema e Vídeo na Casa Nem (2017). Fotografia de Lucas Celier, do I Hate Flash.	26
Figura 6: : Fachada da Casa Nem com cartaz da peça Bicha Oca (2017).	27
Figura 7: Show da Mc Xuxu na Casa Nem (2016).	27
Figura 8: Marcelo Freixo, Indianarae Siqueira e Eduardo Suplicy em campanha eleitoral para o PSOL na Casa Nem, Lapa (2016).	30
Figura 9: Naomi Savage em desfile para marca Panupanu, no Circo Voador.	33
Figura 10: Desocupação da Casa Nem do edifício na Rua Dias da Rocha, em Copacabana (2020).	36
Figura 11: Manifestantes fazendo cordão humano para impedir desocupação da Casa Nem em Copacabana.	37
Figura 12: Indianarae Siqueira posa no segundo andar da nova Casa Nem, na Rua Dois de Dezembro, no Flamengo, em meio a ativistas e autoridades.	38



## SUMÁRIO

Introdução	9
Cap.1. Breve relato e revisão sobre a história LGBTQIA+ no Brasil	12
Cap. 2. Casa Nem, Casa Viva!	21
Considerações Finais	41
REFERÊNCIAS	43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as formas de resistência política-afetiva Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não são cis-heteronormativo (LGBTQIA+) tendo como caso emblemático a experiência da Casa Nem. Esse trabalho é fruto da minha trajetória e forma de continuar viva, eu sou uma mulher preta, lésbica, de uma cidade pequena do estado do Rio de Janeiro, e vou tentar apresentar e discutir aqui a maior e mais potente forma de resistência e sobrevivência LGBTQIA+ que eu pude fazer parte, a Casa Nem.

A Casa Nem é um espaço de resistência LGBTQIA+ que funciona como abrigo, espaço cultural e educacional, prioritariamente para travestis e pessoas trans em situação de vulnerabilidade. Localizada na cidade do Rio de Janeiro, a Casa Nem teve sua sede por vários bairros da cidade, desde sua primeira ocupação na Rua Moraes e Vale na Lapa, em 2016, até o sua atual sede na Rua 2 de Dezembro, no bairro do Flamengo, local fruto de uma conquista histórica: no dia 11 de Setembro de 2020, a prefeitura do Rio de Janeiro cedeu uma casa por 5 anos, podendo ser renovada por mais 5 para a Casa Nem. Ao longo desses 4 anos de muita luta e resistências a Casa Nem experienciou diversas maneiras de garantir sua própria existência, já tendo se sustentado por venda de ingressos de festas para pessoas cisgêneras<sup>1</sup>, venda de bebidas em seu bar e por uma rede de colaboração que tem abrangência mundial através de ferramentas virtuais, como a Benfeitoria e outros sites de suporte monetário, editais, apoio de organizações não governamentais e frentes populares de lutas por moradia.

Na Casa também acontece o PreparaNem, um pré-vestibular, que tem como público-alvo pessoas transexuais e travestis, com o objetivo de capacitá-las para o ingresso em instituições de ensino superior. As aulas são ministradas por professores e apoiadores voluntários LGBTQIA+. Produzimos e nos beneficiamos na organização do trabalho necessário e útil às pessoas que habitam e frequentam a Casa, em um processo de criação de afeto e laços de solidariedade como uma forma de manutenção da vida. É este processo de criação de afeto e possibilidades de sobrevivência para os corpos LGBTQIA+ que é o foco deste estudo.

---

<sup>1</sup> Cisgênero (Cis) Indivíduo que, na hora de seu nascimento, foi categorizado como macho ou fêmea, e, ao crescer, passa de fato a se identifica com essa imposição binária do nascimento.

Importante destacar que o conceito central dessa pesquisa é a *escrevivência* (EVARISTO, 2006). Ele se faz através de vivências em conjunto ao grupo analisado, me entendendo como parte desse grupo, uma vez que sou sapatão e estive presente na construção da Casa Nem. De acordo com a escritora Conceição Evaristo, em *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (2006), escrever é viver aquilo que se escreve, escrever a partir da vida. Se percebido como metodologia, a escrevivência aglutina relatos pessoais, com descrições de vivências conjuntas, podendo-se valer de entrevistas e mesmo de consultas e análise bibliográfica.

Nesse sentido, optei pela escrita em primeira pessoa uma vez que essa produção é parte da minha vida e história militante-afetiva. Essa mesma escolha não é nova e vem ganhando espaço nos contextos acadêmicos, tendo em vista o trabalho de pesquisadoras pretas como Audre Lorde em **Irmã Outsider**(2020) e bell hooks em **Ensinando a Transgredir** (2013) — livro que também fez parte do meu processo de pesquisa.

Ainda assim, ao longo da pesquisa outras metodologias são utilizadas, com foco na pesquisa participante e revisão bibliográfica. A implementação desses métodos também produziu entrevistas abertas e registros de campo. Dada a minha identificação com a Casa Nem e todos presentes naquele espaço, a pesquisa participante se fez necessária por tratar-se

de um modelo de pesquisa que difere dos tradicionais porque a população não é considerada passiva e seu planejamento e condução não ficam a cargo de pesquisadores profissionais. A seleção dos problemas a serem estudados não emerge da simples decisão dos pesquisadores, mas da própria população envolvida, que os discute com os especialistas apropriados. (GIL, 2017, p72)

Em termos de revisão bibliográfica a prioridade foi dada a referências intelectuais que também passam por processos de vulnerabilidade ou que se dediquem ao tema de forma a participar ativamente das lutas que precisamos travar. Por isso, é perceptível a voz de Audre Lorde, bell hooks e Judith Butler em vários momentos nesse trabalho. Ressalto, contudo, que as vozes que precisam receber mais atenção e coro são as das entrevistadas que se disponibilizaram a compartilhar suas vivências comigo, nessa pesquisa que começou em Julho de 2018 e finalizou em 11 de Setembro de 2020. Nesse período, realizei 10 entrevistas sem roteiro pré estabelecido com pessoas que já moraram na casa, moradoras e colaboradoras da Casa Nem, pessoas importantes nas lutas LGBTQIA+ no Rio de Janeiro. Assim, é a partir dos seus relatos e das minhas experiências no espaço que apresentarei um breve histórico sobre a Casa Nem e seu paralelo com a história LGBTQIA+ no Brasil.

Para apresentar o resultado da pesquisa, este trabalho está dividido em duas partes além desta introdução. O primeiro capítulo no qual apresento uma breve contextualização do movimento LGBTQIA+ no Brasil e o segundo capítulo sobre a Casa Nem e algumas considerações finais.

## Cap.1. Breve relato e revisão sobre a história LGBTQIA+ no Brasil

O movimento LGBTQIA+ existe e se articula desde que começamos a nos entender como seres sociais, dotados de subjetividade e desejos. Apesar de haver uma bibliografia bastante vasta a respeito do tema, nota-se uma predominância na abordagem voltada exclusivamente para a noção de orientação sexual e com o recorte histórico que se inicia a partir do período de colonização. Sendo assim, e compreendendo a abrangência desse histórico, o foco apresentado nesse trabalho é buscar não seguir esse padrão, abrindo o leque para a pluralidade de gêneros e sexualidades.

Como a formação da sigla em si já se mostra como uma construção histórica, determino aqui a escolha pessoal de usar a sigla LGBTQIA+, e reforço a possibilidade de outras apresentações desse movimento:

A pauta não normativa agregou novas questões práticas às exigências identitárias, em territórios só recentemente habitados. Essa deriva antinormativa se desdobrou em diferentes formas identitárias, que foram se abrindo num leque de letrinhas para abranger não apenas as siglas de cunho sexual mas também as de gênero. Assim, o antigo binarismo GL genérico, passou-se para GLBT e depois LGBT, adquirindo variações cada vez mais complexas, até chegar a agrupamentos quase cifrados como LGBTTTQI+ (com o Q de queer e o I de intersex plus), ou mesmo LGBT\* (o \* sinalizando tanto os vários Ts quanto a categoria queer, que abrangeria identidade de gênero e orientações sexuais avessas a qualquer rotulação e classificação.) (TREVISAN, 2018, p.509)

Ressalto também sobre isso que:

Embora, com a deliberação da I Conferência Nacional, a sigla LGBT venha predominando nos meios ativistas, ela eventualmente assume outras variantes, que invertem a ordem das letras (colocando o "T" à frente do "B"), duplicam o "T" (para distinguir entre travestis e transexuais, por exemplo) ou acrescentam novas letras que remetem a outras identidades (como "i" de "intersexual" ou "Q" de "queer"). O significado desses termos será comentado adiante. Trata-se de ressaltar, por ora, que a presente denominação, como mostra sua trajetória recente, é aberta e sujeita a contestações, variações e mudanças. (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p.14)

Apesar de existir uma variada gama de referências bibliográficas que abordam aspectos voltados para a orientação sexual, como o livro **Devassos no Paraíso**, de José Silverio Trevisan, e **Na trilha do Arco-Íris**, de Julio Assis Simões e Regina Facchini, usados durante a elaboração desse trabalho, percebemos que mesmo com as discussões a respeito da nomenclatura do movimento e a notável presença de travestis e transexuais

em todos os processos de reivindicações de direitos e mobilização contra à heteronormatividade ou mesmo a norma de modo mais amplo; nessas leituras o protagonismo é quase exclusivamente Gay (G) ou Lésbico (L), deixando um certo espaço não muito comentado para a Bissexualidade ou outras formas de sexualidade e tratando Transsexuais e Travestis (T) de forma superficial.

Nessa literatura, principalmente nos primeiros capítulos de **Devassos no Paraíso** (TREVISAN, 2018), o *travestismo* parece ser apontado meramente como um recurso artístico e não como uma identidade subjetiva e social. Em muitos momentos o termo travesti parece ser usado como sinônimo ao que identificamos hoje com facilidade como Drag Queens. Apesar disso, o livro também adota esse nome em certos momentos, o que causa uma sensação de incongruência conceitual, pelo menos a princípio. O livro fala de homens cisgêneros, homossexuais ou não, que em momentos específicos por motivos políticos ou artísticos ligados à contracultura optam por fazer uma ou várias utilizando-se de elementos da prática artística drag

Além disso, o primeiro momento em que o livro de Trevisan fala de e dá voz a travestis que não estão inseridas nessa dinâmica prévia é para abordar o seu vínculo com a prostituição:

Nesse sentido, vale lembrar os insistentes testemunhos de travestis de como boa parte dos seus clientes prefere ser penetrada analmente “Eles adoram dar, mais do que a gente... a maioria...” dizia o<sup>2</sup> travesti Beatriz, numa pesquisa do psicanalista Hugo Denizart. “Homem gosta da forma de mulher.. com peru de homem”, emendava Michelle, outro travesti entrevistado. “Cansei de levar cantada de homens que falavam: ‘Eu adoro mulher de peru, eu adoro ser enabado por mulher’”, confirmava o travesti Maria Alcina. “Existem os que não tem coragem de procurar um homem e aí procuram os travestis [...] para não levantar suspeitas”, asseverava Beatriz, outro travesti. “Tem dia que eu faço cinco programas na rua e não dou nenhuma vez. Só como...”, informava o travesti Petra. (TREVISAN, 2018, p.375)

Percebo nessa citação e em outros momentos do livro o uso de pronomes que não é problematizado, mesmo que isso seja uma questão na comunidade T há muitos anos. O autor insiste em usar expressões como “o travesti” sem explicar essa escolha ou desenvolver as inquietações que isso implica. Mais à frente, nesse mesmo texto, é evidenciado o quanto o mercado dos anos de 1970 a 1990 começou a se adaptar, levando a própria sociedade, a partir do poder público, a criar espaços para homossexuais. A questão central aqui é que esse marco ou possível avanço na história LGB pode ter criado reações ainda mais severas à comunidade T.

---

<sup>2</sup> No livro não é explicado a escolha de pronomes, o trecho destacado segue exatamente como no livro.

Wilson Richetti, famoso por suas violentas investidas contra o gueto guei em São Paulo, no final da década de 70, posteriormente chegou a fazer uma cuidadosa distinção ao admitir que suas ressalvas eram apenas contra o travesti, já que o “homossexual não cria problemas, é uma pessoa recada, cordata e avergonhada.” (TREVISAN, 2018, p.376)

No capítulo que parece pinçado para tratar o tema T dentro do texto de Trevisan, faço grifos que considero importantes para questões que não apenas estão em construção há décadas, mas também que são pontos centrais para o trabalho realizado na Casa Nem. Volto a reafirmar que percebo maior importância nas falas trazidas pelas entrevistadas do que em qualquer outro material possível de se encontrar sobre o tema. Digo isso, pois, apesar do cuidado como referencial teórico apresentado, compartilho nesse trabalho entrevistas que são conversas com amigas e companheiras de luta, pessoas que não poderiam estar mais distantes da definição do que seria comumente chamado de objeto de estudo.

Antes disso, porém, devido a alguns problemas estruturais percebidos e criticados no livro de Trevisan, trouxe a voz de Leticia Nascimento, autora do livro **Transfeminismo**, para abordar com mais profundidade a questão subjetiva inerente às vivências T.

Muitas travestis e transexuais se sentem mulheres e podem e devem reivindicar-se como tal; inúmeras outras, entretanto, entendem a si mesmas como uma expressão de gênero originária e, portanto, não se sentem homens nem mulheres. A sentença "eu sou travesti" é suficiente para marcar seus locais dentro de uma identificação de gênero. A compreensão de mulheridades, feminilidades e travestigeneridades perpassa por uma estratégia política, e não condição ontológica, uma vez que se reivindicar dentro de uma performance de gênero relaciona-se diretamente à possibilidade de tornar-se alguém dentro das sociedades ocidentais. (NASCIMENTO, 2021, p.56)

Sendo assim, antes de me distanciar do texto de Trevisan, gostaria de apontar alguns dos aspectos de marginalização da vida de travestis e transsexuais entre 1970 e 2010;

a questão não é simples, porque no Brasil a prostituição acabou se tornando uma profissão quase inerente ao travestismo enquanto modo de vida (...) Na quase totalidade dos casos, quando manifestam tendências homossexuais, são expulsos de seus lares ainda muito jovens, depois de sofrerem assédios, espancamentos e estupros múltiplos. (...) Vários travestis relataram contínuas surras na infância, dadas sobretudo pelo pai, que em muitos casos colocava a questão em termos excludentes: “Em casa, ou ele ou eu” Muitos foram expulsos ainda antes da adolescência.(...) A partir daí, perdiam-se quase totalmente os vínculos familiares o que era o primeiro passo para a marginalidade social. (...) como um preço pago à sua compulsória

marginalidade social: mal tiveram chance de se alfabetizar, menos ainda de aprender uma profissão. (TREVISAN, 2018, p.382-383)

No capítulo Trevisan também discorre sobre táticas de sobrevivência nos casos de embates policiais, os perigos vinculados ao uso de silicone industrial tóxico, marcadamente em 1983, e fala novamente sobre o amplo campo de prostituição que tomou proporção internacional ao que ele descreve como “exóticos objetos de consumo — tanto quanto eram exóticos os primeiros índios levados para a Europa” (TREVISAN, 2018, p.388).

O cenário é este: as travestis, historicamente, têm excluídas as possibilidades de ter amizades, família e frequentar locais educacionais, culturais e festivos. A partir de uma dinâmica social provocada pelo ódio e pelo preconceito que as induz a um trabalho quase que exclusivo de prostituição, tal como reflete uma das entrevistadas:

Na vida da prostituição não tem nada disso, você tem casa rua, rua casa. Você não vai no cinema, não vai no teatro, você não namora, não sai com os amigos, você não tem muito esse tempo... Depois que eu parei de usar a prostituição que isso passou a existir. (Luciana , travesti e ex moradora da Casa Nem).

A Casa Nem vem revelando essas informações e forte potência de rompimento dessas imposições históricas aos corpos trans. Com isso, nos mostra que a prostituição não precisa ser o único caminho, ela pode ser só mais umas das opções. Pode sim uma travesti ser médica, advogada, publicitária, artista, assistente social, enfermeira e tantas outras profissões. Sonhar e ter esperança de que ela pode ser o que ela quiser.

A Casa Nem, por meio da militância e vivência política da autodeclarada *transvestigênera*<sup>3</sup> Indianarae Siqueira, constrói uma forma de organização que articula uma relação de apoio e troca afetiva com os demais grupos da sigla LGBTQIA+. Vínculos afetivos entre lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans se fortalecem e se ampliam com o surgimento desse espaço. Tal como na canção:

*Vem PreparaNem*

*Vem PreparaNem*

*Tem viado e sapatão e vai ter travesti também*

---

<sup>3</sup>Transvestigênera é um termo que foi cunhado pela trans ativista Indianarae Siqueira para designar “pessoas que se entendem para além de vestes, roupas ou órgãos genitais” – abrangendo travestis, transexuais, pessoas não-binárias, incluindo também a bicha afeminada e a sapatão caminhoneira



Os laços afetivos se desdobram num trabalho conjunto para que travestis e transexuais possam ingressar nas universidades — pelo curso pré-vestibular oferecido, o PreparaNem —, tal como lésbicas, bissexuais e gays já o fazem. Essa canção é entoada pelas pessoas da casa como um verdadeiro grito de esperança, tomando as ruas e chegando até as mídias de grande circulação<sup>4</sup>. A afetação LGB com a realidade das travestis faz com que a luta ganhe mais força e maior poder de mudança com base nessa união. Parte dessa luta consiste no reconhecimento e no combate à condição precária na qual vivem essas pessoas.

Segundo Judith Butler (2015), a vida é precária por si só, pois é passível de morte. A *precariedade* está associada ao convívio social. Quando a vida é celebrada quer dizer que sua morte seria enlutada. Não há vida que esteja imune à precariedade. Já por outro lado, a *condição precária* atinge apenas alguns segmentos da população que acabam de alguma forma sendo levadas a uma maior vulnerabilidade. No Brasil, pessoas LGBTQIA+ têm sua existência constantemente ameaçada, pois são corpos direcionados a condições precárias por não se enquadrarem nos padrões sociais vigentes. Nesse sentido, não são corpos reconhecidos como dignos da vida.

A capacidade de apreender uma vida depende de como essa vida se enquadra às normas sociais. Tais normas não são inflexíveis, elas se movem de acordo com as relações de poder vigentes. Dessa forma, certos enquadramentos produzem uma ideia distorcida de que corpos que não se adequam às normas sociais não são vidas. Os corpos “não vivos” precisam ser eliminados para que a vida dos corpos vivos seja mantida.

A existência de corpos não hegemônicos é uma ameaça às normas sociais, pois revela que não há como padronizar todos os corpos. Isso gera ódio e violência contra essas pessoas, como ocorre com a população trans, travestis e outros corpos dissidentes. No Brasil, por exemplo, ao menos 868 travestis e transexuais foram mortas nos últimos oito anos, o que o deixa no topo do *ranking* de países com mais registros de homicídios de pessoas transgêneras.<sup>5</sup> Esses números podem ser encontrados em fontes confiáveis. Contudo, ainda é importante fazer o alerta para a possibilidade de subnotificação dessas

---

4

Fonte <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/casa-na-lapa-ajuda-transexuais-e-travestis-conquista-r-educacao-e-respeito.html>> Acesso em 08 de Abril de 2022. Mesmo que a matéria não destaque, as pessoas entrevistadas são LGBTQIA+.

<sup>5</sup> Fonte: ONG Transgender Europe. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>. Acesso em 04 de out. 2020.

informações. Dado ao preconceito e status de marginalidade vivida pela população travesti e transexual, não é impossível supor que muitas e muitos podem ser vítimas de violência e assassinatos, porém têm no seu atestado de óbito a sua identidade de gênero e sexual apagadas.

Vidas trans e travestis não se enquadram no padrão de corpos socialmente aceitos, por se tratarem de corpos que não se enquadram no modelo heteronormativo e cisgênero. Suas mortes podem ser televisionadas, como foi o caso de Dandara<sup>6</sup>, uma travesti morta a tiros e a pedradas no Estado do Ceará, que teve o seu corpo carregado dentro de um carrinho de mão. Mesmo com tanta violência, sua morte não foi sentida pela sociedade como uma perda, não gerando nenhum tipo de comoção nacional. Ou seja, para os padrões hegemônicos Dandara não era uma vida e, portanto, sua morte não era passível de luto, para usar os termos de Butler (2015).

São alarmantes os dados que revelam a situação das pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Segundo a Pesquisa do Ambiente Educacional no Brasil, feita em 2016, 73% dos estudantes LGBTQIA+ relataram ter sido agredidos verbalmente, 36% fisicamente e 58,9% desses alunos que sofrem agressão verbal constantemente já faltaram às aulas pelo menos uma vez ao mês por esse motivo.<sup>7</sup> Esse cenário retrata a dificuldade de estudantes LGBTQIA+ de permanecerem no ambiente escolar, e indica a possibilidade de evasão devido ao não enquadramento nesse espaço. De acordo com a pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia, a cada 20 horas uma pessoa LGBT morre no Brasil por LGBTfobia.<sup>8</sup>

Na busca do extermínio de tudo que foge à norma das sociedades modernas, pessoas LGBTQIA+ são tratadas de maneira aviltante. E é no impacto da violência que incide sobre nossos corpos que surge nossa sintonia e união, na empatia da dor, do que Vilma Piedade chama de dororidade, das feridas semelhantes e o partilhar dos mesmos algozes.

Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo. (...) Sororidade parece não dar conta. (...) Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror — irmãs.

---

<sup>6</sup> Fonte: Caso Dandara dos Santos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Dandara\\_dos\\_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Dandara_dos_Santos). Acesso em: 08 de jan.2022.

<sup>7</sup> Fonte: Pesquisa do Ambiente Educacional no Brasil. Disponível em: <https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em 04 de Out. 2020.

<sup>8</sup> Fonte: Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil Relatório 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2020.

Dororidade, vem de Dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional.  
(PIEADADE, 2017, p.17)

Em resposta, nossos corpos experienciam a raiva que de acordo com Lorde (2019) promove encontros, transformações, sensações de alegria , criação de laços e artimanhas que nos permitem resistir às violências e opressões.

No contexto de insurgência, a raiva se diferencia do ódio dos que nos querem mortos, pois esse ódio foca na destruição de tudo que destoa dos padrões, na aniquilação de corpos fora deste enquadramento. Já a raiva pode ser revolucionária, somos capazes de descobrir que entre nós há possibilidades de criação de laços e relações por meio dessa afetação. Também descobrimos que entre nós podemos ter sensações de alegria e conforto, criando nossas artimanhas de resistência em meio a condições precárias nas quais nossos corpos são situados (LORDE, 2019). Dentre essas artimanhas, a arte, como na poesia de Tatiana Nascimento:

cuíer A.P. (ou oriki de Shiva):

nós vamos destruir tudo que você ama  
e tudo que c chama “amor”  
nós vamos destruir

porque c chama “amor à pátria”  
o que é racismo  
c chama “amor a deus”  
o que é fundamentalismo  
c chama “amor pela família”  
o que é sexismo homofóbico y  
c chama transfobia de “amor à natureza”  
c chama de “amor pela segurança”  
o que é militarismo  
y o capitalismo  
c chama de “amor pelo trabalho”  
o que c chama de “amor à humanidade”  
é especismo, y esse seu “amor pela Palavra”  
na real é só um caso histórico de má-tradução – que

conveniente, chamar deus de “ele”, mas se  
liga: nós somos seu apocalipse  
cuíer. y o que c chama de  
“amor pela liberdade”,  
“pela justiça”, toda

essa sua ideia de “civilização” é  
assassinato, é genocídio,  
quer matar tudo  
que ri, que goza, que dança,  
  
quer matar a gente.

mas a gente vinga

que nem semente daninha:  
a gente sobre  
vive!

tá vendo? já começou!  
sente a pulsação vibrando  
o chão: é o beat do nosso coração!

porque a gente, que você amaldiçoa  
em nome do seu amor doentio  
normativo,  
segregador,  
a gente que é amante,  
a gente é que vive y espalha

amor

Corpos LGBTQIA+ são exterminados pelo ódio e em resposta a isso nascem  
nossos laços mais potentes, o desejo de transformação e uma luta diária pela nossa

sobrevivência, felicidade e acolhimento. Por meio dessa união conseguimos vislumbrar a esperança de reescrever coletivamente nossas histórias e mudar os rumos nefastos que traçaram para os nossos corpos.

## Cap. 2: Casa Nem, Casa Viva!

O processo de ocupação da Casa Nem se iniciou no ano de 2016 em uma casa localizada no Beco do Rato, Lapa, onde funcionava a Casa Nuvem. A Casa Nuvem era um espaço de arte e residência artística onde ocorriam exposições e festas. Em um de seus eventos, aconteceu um caso de transfobia que deu início à ocupação da casa por travestis que ali frequentavam. Uma delas, Dani, foi agarrada à força por dois homens que queriam um programa. Quando ela se recusou a ir, eles revidaram com socos e outras agressões. Luciana, tentando ajudar a amiga, quebrou um casco de cerveja para intimidar os homens e, com isso, cortou sua própria mão. Foi pedir ajuda às pessoas da Casa Nuvem - que era um local autointitulado como “livre de opressões”, porém ninguém da Casa Nuvem prestou socorro à Luciana ou à Dani.

Como afirma Luciana em entrevista colhida na pesquisa de campo realizada durante o desenvolvimento deste trabalho: “Eu sofri uma transfobia, e quando fui pedir socorro na Casa Nuvem, pediram pra eu sair dali porque eu estava enchendo a portaria de sangue e estragando a festa” (Luciana, travesti, moradora da Casa Nem). Provando, assim, que lá não era um lugar seguro para travestis e transexuais e que ali ninguém estava interessado na proteção de pessoas trans.



Figura 1: Cartaz “Não compre bebida de quem não reage à transfobia”

A partir dessa situação, as próprias travestis que tiveram suas vidas ameaçadas deram início a ocupação da casa para que ela se tornasse um lugar de liberdade, existência e resistência para corpos dissidentes. Nas palavras de Luciana :

Os nuvens entraram e sentaram na sala e a gente pediu para eles se retirarem, eles começaram a rir e falaram que a casa era deles e a gente é que tinha de sair

de lá. Desci lá em baixo apavorada, peguei o telefone e comecei a chamar todas as travestis das imediações. Em 40 minutos já tinham 50 bichas lá em baixo! Subi as escadas e falei para eles: vocês foram transfóbicos! A gente tá precisando de casa pra morar, vocês são burgueses, tem bem mais condições que eu e um bando de gente lá em baixo! Se a gente tá certa ou errada eu não sei, mas que vocês vão embora agora vocês vão! Aí, a Isabela que era quase dona falou “daqui eu não saio, só quando vocês forem embora”. Eu falei: pois é, a parada é a seguinte, tem lá embaixo 50 travestis, nenhuma delas tem medo de ir pra cadeia, e elas iam adorar sair no Fantástico fazendo uma matança no Beco do Rato. Arma todas lá em baixo têm, disposição todas têm e é só subir a escada. Ou vocês saem de boa ou a gente vai começar a retaliação. E eles saíram. (Luciana, travesti, moradora da Casa Nem)



Figura 2: Fachada da Casa Nem no Beco do Rato, Lapa.

Antes mesmo do processo de ocupação da Casa Nem narrado anteriormente, já havia o PreparaNem, pré-vestibular destinado prioritariamente para pessoas trans e travestis em situação de vulnerabilidade social. Sua função é capacitar essas pessoas para que elas façam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e assim ingressem nas universidades. As pessoas que estudavam no preparatório recebiam ajuda de custo para passagem e refeições, que eram fornecidas pelos colaboradores do Prepara. Assim se tornava possível que pessoas trans sem recursos financeiros pudessem ir às aulas, se mantendo no curso. O Prepara contava com um contingente de professores totalmente composto por pessoas LGBTQIA+ que se organizavam durante a semana em diferentes locais para acolher o projeto. Esses locais disponibilizavam suas estruturas físicas para dar suporte às aulas. Alguns deles eram a Casa 24, um espaço de arte e residência artística na Lapa, a própria Casa Nuvem e o Grupo Pela VIDDA (Grupo pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS) no centro do Rio de Janeiro.



O objetivo era distribuir as matérias ao longo dos dias e entidades parceiras para cumprir a grade horária de todas as disciplinas obrigatórias para a prova: Redação, Português, Matemática, História, Geografia, Física, Filosofia, Química, Biologia e Literatura. Com a ocupação da Casa Nuvem pelas travestis e a implementação da Casa Nem, a dinâmica foi facilitada e todas as aulas passaram a ocorrer no mesmo lugar, no primeiro andar da, então, Casa Nem.



*Figura 3: Aula de Geografia no Prepara Nem ainda na Casa Nuvem, Lapa.*

Com a consolidação da ocupação da Casa Nem, surgiram novas possibilidades de criação de cursos e projetos para além do PreparaNem. Esses cursos possuíam caráter profissionalizante, oferecendo uma perspectiva de geração de renda e autonomia financeira para pessoas trans.

Os cursos e projetos eram: CosturaNem, FotografiaNem, Libras, AlfabetizaNem, CozinhaNem, atendimento psicológico e yoga. O CosturaNem era um projeto de corte, costura e modelagem para pessoas trans fazerem suas próprias roupas e terem a oportunidade de trabalhar com isso se assim desejassem. O curso contava apenas com uma máquina de costura caseira e doações de tecidos, tesouras, alfinetes e muita criatividade. Inspirada nisso, a travesti Evelyn escreveu um projeto para um edital



e ganhou um prêmio de 35 mil reais para montar uma confecção de costura dentro da Casa Nem, com máquinas de costura industriais.



*Figura 4: aula do CosturaNem na Casa Nem, Lapa.*

O FotografiaNem era um curso de fotografia que pessoas trans faziam gratuitamente e pessoas cis pagavam um valor que era revertido para a manutenção da

Casa Nem. De lá saiu Bento Y, um homem trans negro que hoje trabalha com fotografia produzindo belíssimas imagens e vivendo de sua arte.

Já o Curso de Libras, era ministrado pela primeira professora trans de libras do Brasil, Alessandra Ramos Makkeda, e voltado para capacitação e inclusão de trans com deficiência auditiva nos diversos setores produtivos da sociedade. Além disso, a Casa oferecia todo um suporte com psicólogos que forneciam atendimento gratuito para pessoas trans e aulas de Yoga.

Essa primeira ocupação da Casa Nem fugia dos padrões de ocupações tradicionais, como a dos movimentos por moradia em prédios sem utilização, que consiste em expropriar a propriedade privada e dar seu real uso, o da moradia, para quem precisa. A ocupação da Casa Nem naquele momento era simbólica, pois foi uma tomada de um espaço que, por mais que se autointitulasse anti-hegemônico, permitiu que um ato brutal de transfobia fosse passível de negligência e descaso.

Foi a partir dessa tomada de poder naquele espaço pelas pessoas trans que elas agora eram gestoras, moradoras e colaboradoras do espaço, decidindo coletivamente os rumos desse novo lar, que também abrigava ideias e projetos transformadores. Mas, com isso, a Casa Nem teve de se comprometer com a parte financeira do local, como o pagamento de contas e aluguel. Para isso, surgiu a ideia de realizar festas periódicas a fim de arrecadar fundos para garantir a manutenção da casa. Todas as sextas-feiras a Casa Nem abria suas portas para receber diversas pessoas, em que a maioria era LGBTQIA+. Era cobrada entrada para pessoas cisgênero e para pessoas trans a entrada era gratuita, isso fazia com que o público trans se sentisse ainda mais convidado a entrar e participar das atividades. Além da entrada, outra fonte monetária da Casa era o bar, que vendia as bebidas consumidas nas festas.

As festas da Casa Nem mobilizaram a comunidade LGBTQIA+ do Rio de Janeiro, sendo um grande ponto de convergência de militância, diversão e afeto. Lá, travestis se sentiam seguras para dançar, se divertir e relaxar. Com a criação desse local de acolhimento, as travestis que antes tinham receio de estar na Casa Nuvem, poderiam estar ali, na Casa Nem, sem medo de serem agredidas a qualquer instante, e se alguma agressão acontecesse, elas seriam protegidas.

Essa quebra do medo se desdobrou do sentimento de proteção criado pelo convívio e pelas trocas entre lésbicas, bissexuais e gays cisgênero com travestis e transexuais. Antes da existência da Casa Nem, essas interações eram raras, pois travestis são historicamente vetadas de espaços de entretenimento, seja por estarem trabalhando

como prostitutas durante a noite e a madrugada, seja por não terem dinheiro da entrada ou, até mesmo, por não se sentirem seguras em entrar nos espaços de festas e serem estigmatizadas. Assim como na sala de aula, os eventos eram lugares onde se estreitavam ainda mais os laços afetivos, o que gerava maior empatia nas lutas cotidianas contra as opressões.

A Casa Nem também recebia e produzia mostras de filmes, peças de teatro, desfiles de moda e shows. Seu interior é um vasto refúgio de tudo o que é dissidência, tudo que só de existir rompe com os padrões e normas. É um lugar no qual a não-normatividade se abrigava, construía seus afetos que articulava ações revolucionárias por meio da arte dos corpos e da potência de criação que a resistência diária pela sobrevivência gera.



Figura 5: 1ª Mostra Anarca Filmes de Cinema e Vídeo na Casa Nem (2017). Fotografia de Lucas Celier, do I Hate Flash.

Dentre as atividades que aconteceram na Casa, uma delas foi exibição da mostra de cinema KUIR uma sessão especial Mostra Errática – Videografias KUIR Nordestinas. A Casa Nem também abriu as portas para a peça Bicha Oca, que foi cancelada pela prefeitura do Rio de Janeiro em um ato de censura.

Também sediou o desfile de moda de lançamento da marca Tijeras, com modelos trans que desfilavam com roupas que buscavam acabar com o binarismo existente no vestuário. A Casa Nem também produziu shows de artistas trans, negras e periféricas,



como Mc Xuxu, Linn da Quebrada, também da cantora negra e favelada Mc Carol Bandida. Os shows sempre lotavam e o Beco do Rato se tornava pequeno para tanta diversidade e liberdade de corpos não-normativos existirem, ainda que por algumas horas. Além de sediar três carnavais seguros para LGBTQIA+ em conjunto à Prefeitura do Rio de Janeiro.



Figura 6: : Fachada da Casa Nem com cartaz da peça Bicha Oca (2017).



Figura 7: Show da Mc Xuxu na Casa Nem (2016).

A Casa Nem pode ser considerada um marco histórico da luta LGBTQIA+ no Rio de Janeiro e seu processo é altamente potente e transformador. Mas não ocorreu sem dificuldades. Devido a uma possível denúncia, houve uma fiscalização do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro na Casa Nem, que foi proibida de continuar produzindo festas no seu interior com a justificativa de não cumprir as medidas de segurança exigidas. Isso se tornou um grande obstáculo para a Casa, pois era das festas que vinha o sustento das pessoas que lá moravam. Esse foi um momento de intensificação dos pedidos de ajuda para que a Casa Nem pudesse continuar existindo através de formas de financiamento online, como por exemplo a Vakinha e a Benfeitoria, ambos sites de captação de recursos. No decorrer dos anos, a Casa Nem já arrecadou mais de 100 mil reais em doações<sup>9</sup>. Mas foi ficando cada vez mais difícil alcançar os altos valores para o pagamento das contas. A ameaça do despejo era um horizonte próximo.

Outro conflito que permeava o cotidiano na Casa Nem era a resistência do Coletivo Nuvem, que, desde a ocupação, articulava maneiras de retirar as pessoas trans da Casa. Campanhas virtuais com textos tentavam deslegitimar o movimento revolucionário na vida de tantas pessoas que mal tiveram a oportunidade de sonhar.

A Casa Nem e a Casa Nuvem travaram uma luta judiciária com denúncias que levaram à expulsão de Indianarae Siqueira, então vereadora suplente do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-RJ). Segundo as informações disponíveis na aba “O Golpe” do site da Casa Nuvem, em março de 2016, este espaço coletivo de arte e ativismo político teria sido “invadido” por Indianarae através de um “golpe”.

Neste episódio, as pessoas da Casa Nuvem afirmam terem sido coagidas a ceder seu espaço e aguardar em silêncio. Além disso, afirmam que as consequências “desse crime” ainda perduram em dívidas de aluguéis deixadas por Indianarae que chegariam ao montante de aproximadamente R\$180.000,00. Quando essas denúncias foram encaminhadas ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), uma comissão de ética foi criada e, com base em seu parecer, a executiva nacional, formada por 61 membros não identificados, aprovou, por unanimidade (com uma abstenção), a expulsão de Indianarae Siqueira do Partido, em abril de 2019.

---

<sup>9</sup> Vakinha Online disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/colabore-com-a-casanem-755b5e81-a8eb-431b-8f91-7792526b17b5>. Acessado em 30 de Set. de 2020

Benfeitoria disponível em: [https://benfeitoria.com/ajudeacasanem?fbclid=IwAR1yI45ND5U\\_albd\\_HY8-Z1sdNHH02HBhSUYEfkMbj9WzhpcVp8w8QVdFA](https://benfeitoria.com/ajudeacasanem?fbclid=IwAR1yI45ND5U_albd_HY8-Z1sdNHH02HBhSUYEfkMbj9WzhpcVp8w8QVdFA). Acessado em: 30 de Set. de 2020

A alegação utilizada pela Comissão para justificar a expulsão foi de que a filiada apresentava “perfil incompatível” com o Programa e Estatuto do partido. E ainda que “a trajetória de Indianare, mulher trans, vulnerável por muitos marcadores sociais, se constitui em fator agravante para seu comportamento, pois Indianare aprendeu a se defender da violência fazendo uso desta”, disseram no dossiê.

Por outro lado, a expulsão de Indianarae é controversa dentro do próprio Partido, tendo em vista os posicionamentos divergentes do Setorial LGBT-PSOL RJ. Conforme a nota veiculada em seu perfil no site de relacionamento Facebook, o Setorial afirma que: “[...] a expulsão não tem legitimidade no mérito e nem na forma[...]” e completa: “[...] Analisamos o documento enviado pela Comissão de Ética, e tudo que encontramos foram fofocas e preconceitos caricatos sobre putas e travestis[...]”.

O Setorial LGBT do PSOL faz uma dura crítica ao posicionamento do Partido diante do processo de expulsão: “[...] Ao descrever a forma como se deu a ocupação Casa Nem, que foi na verdade um movimento coletivo, o texto é simplesmente mentiroso e toma exclusivamente o lado da acusadora Isabel Zarzoela [...]”. O Setorial LGBT do PSOL também denuncia o oportunismo do Partido em relação a luta das pessoas trans que residiam na Casa:

[...] Isabel Zarzoela começou sua campanha difamatória contra Casa Nem e abriu uma denúncia no PSOL já em 2016, e mesmo assim, como naquela época o PSOL não tinha nenhuma candidata trans no Rio de Janeiro, usaram o nome e a história da Indianare e a vulnerabilidade das travestis da Casa Nem para fazer a disputa eleitoral. A Casa Nem recebeu candidatos e foi palco da campanha majoritária. Se o PSOL recebeu a denúncia em 2016, por que no mesmo ano foi até a Casa Nem? Fica claro que o Partido usou as travestis como forma de ganhar a simpatia dos militantes de esquerda, e depois mudou de entendimento sobre os mesmos fatos narrados por conveniência.[...]. (Perfil do Setorial LGBT PSOL RJ no Facebook)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/PSOLLGBTRJ/posts/2079151135515211>>. Acesso em 21 de Out, 2020.



Figura 8: Marcelo Freixo, Indianarae Siqueira e Eduardo Suplicy em campanha eleitoral para o PSOL na Casa Nem, Lapa (2016).

Através de uma extensa nota divulgada em seu perfil do Facebook, Indianarae também apresentou sua versão acerca de todos os pontos abordados pelo parecer da Comissão de Ética do PSOL.<sup>11</sup> Dentre seus argumentos, ela afirma:

[...] o PSOL já sabia de tudo isso que está nesse dossiê que Izabel Zarzuela criou pra comissão de ética mas mesmo assim aceita minha candidatura e usaram a Casa Nem pra fazerem política no beco, inclusive no 2º turno quando Freixo em uma tarde vai a CasaNem com o vereador recém eleito pelo PT de São Paulo Eduardo Suplicy. Mesmo com a campanha #liberanuvem em andamento. [...] A comissão também é tendenciosa pois não cita a campanha difamatória por parte dos Nuvens contra a minha pessoa e a CasaNem, só acata isso por parte dos denunciantes pra usa-los como coitados e justificar a expulsão [...]. (Perfil de Indianarae no Facebook)<sup>12</sup>

Antes de fazer esta nota, Indianarae fez uma publicação no seu Facebook que nos faz refletir muito sobre as alianças com partidos políticos em busca de mudanças estruturais. PSOL é um partido autointitulado “de esquerda” contra a hegemonia que vigora no poder, mas ao mesmo tempo há uma seletividade de atuações em determinados movimentos.

<sup>11</sup> O dossiê emitido pela Comissão de Ética pode ser lido na íntegra em: [https://c76a3228-1d19-42ef-abe0-fbcee6635d98.filesusr.com/ugd/7fe41a\\_aeabb716047d4844ab977919d629d1b7.pdf](https://c76a3228-1d19-42ef-abe0-fbcee6635d98.filesusr.com/ugd/7fe41a_aeabb716047d4844ab977919d629d1b7.pdf). Acesso em 21 de Out. 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/indianara.siqueiraysinaoqueira/posts/2280021738702538>>. Acesso em 21 de Out. 2020.



Conforme foi explicitado nas narrativas do PSOL, da Casa Nuvem, do Setorial LGBT-RJ e até da própria Indianarae, há uma postura tendenciosa do Partido a favor das pessoas cis. As pessoas trans nesse processo da Casa Nem não foram respeitadas nem tampouco tiveram suas narrativas acolhidas pelo Partido. Muito pelo contrário, foram expulsas e ainda mais marginalizadas, como aconteceu com o Partido associando Indianarae com práticas de violência. Nas palavras de Indianarae:

Vcs acharam que a “guerra” Casa Nuvem X CasaNem era pesada? Se preparem pra guerra que o PSOL, através desse parecer, compra com a militância e comunidade LGBTI, entre outras populações vulneráveis. Nem a direita conseguiria dar um parecer desses ou a extrema direita com seus *fake news* chegaria a tamanho despautério. Mas é muito mais agressivo por vir de onde veio: PSOL. (Perfil de Indianarae no Facebook)<sup>13</sup>.

Os conflitos políticos aconteciam simultaneamente às ameaças de despejo. Todos os dias essa tensão pairava sobre as pessoas que lá moravam. Naquele período, a Casa abrigava um número de pessoas oscilante, mas pelo menos 20 pessoas dormiam e faziam suas refeições lá todos os dias. Às vezes a comida faltava, pois as doações nem sempre eram suficientes. Fome era parte do cenário. Mas quando isso acontecia logo os colaboradores da Casa eram acionados. Eles providenciavam refeições para todas as pessoas que ali estavam.

A Casa Nem se apoia na união e na proteção das pessoas que acreditam no projeto e são afetadas por ele. Nem que para isso tivéssemos que pegar o quilo de feijão da nossa dispensa e ir até lá cozinhar. A estrutura antiga, os móveis velhos, a rotatividade de pessoas, a dificuldade de manutenção da limpeza e organização também eram um grande problema na Casa, que teve uma infestação de percevejos, implicando no surgimento de feridas na pele das pessoas que lá moravam. Todos os colchões e roupas tiveram de ser incineradas e uma dedetização precisou ser feita. Pessoas ficaram por semanas dormindo no chão, pois as doações de colchões demoraram a chegar ao total necessário.

Em meio a tudo isso, uma travesti de 38 anos morreu deitada no sofá da Casa Nem. A causa da morte constatada pelo Instituto Médico Legal foi ataque cardíaco, mas Sibelly sofria de depressão profunda. Ela viveu em situação de rua por anos de sua vida, o que a fez conviver com a violência e o perigo constante, além de ter sua existência, como mulher, negada pelo preconceito social. Isso a levou a um quadro de uso abusivo

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/indianara.sophia/posts/684997535250735>>. Acesso em 21 de Out. 2020.



de álcool e drogas, que cresceu com o passar dos anos. Todos da Casa sofreram uma grande perda, entendendo essa perda como mais um resultado da transfobia, violência essa que nem sempre faz suas vítimas por espancamento até a morte. A transfobia também mata acabando com subjetividades, ceifando a vitalidade, destruindo sonhos e esperança.

Mas como a luta que travamos é pelo fim das opressões e nosso luto é luta, a Casa Nem é um grande referencial e lá existem inúmeros casos de transformação de vidas. Casa Nem é esperança. Ela muda e mudou a vida de muitas pessoas LGBTQIA+. O curso do PreparaNem já aprovou mais de 20 pessoas trans em universidades públicas e privadas do Rio de Janeiro. E abriu os horizontes para o mercado de trabalho, a possibilidade de trabalhar com sonhos e não mais tendo a prostituição como única opção.

Por exemplo, com a abertura do curso CosturaNem, Naomi pôde vivenciar seu sonho de ser modelo, atestando que era possível, sim, uma travesti ser modelo de passarela e modelo fotográfica. A renda de Naomi era majoritariamente desse trabalho, não mais precisando da prostituição para viver. Ela queria brilhar nas passarelas, queria ganhar o mundo com sua beleza, e a Casa Nem impulsionou o sonho para que se tornasse realidade. Ela hoje também é uma grande produtora cultural de diversos eventos:

Foi dentro da Casa Nem que eu entendi e aprendi que não era somente prostituição que cabia a mim. Lá eu comecei trabalhando no bar da casa como atendente. Com o passar do tempo, passei a assumir todo o gerenciamento do bar como dos demais eventos feitos na Casa. Devido a um curso de corte e costura oferecido pela Casa, eu tive a oportunidade de trabalhar como modelo, trabalho que eu faço até hoje[...] A Casa Nem me dava uma visibilidade enorme, porque vivia cheia de jornalistas, estudantes, pessoas que tinham interesse no projeto da Casa, isso fazia com que as pessoas ao visitarem a Casa, acabassem conhecendo as meninas que na casa moravam, e a gente acabava trocando ideias, e eu passava a fazer trabalho fora da Casa com essas pessoas. Então, como modelo ainda morando na Casa Nem, eu tive oportunidade de ser fotografada por repórteres internacionais e fotógrafos brasileiros. Essa visibilidade que a Casa tinha refletia sobre nós também, então as pessoas conheciam a Casa, se interessavam por determinadas meninas para alguns trabalhos e faziam o convite. [...] Hoje eu assumo o festival Transarte, a direção geral do festival sou eu quem assumo e eu priorizo colocar para trabalhar o maior número de pessoas trans possível. Então toda função que tem, a primeira opção é sempre que seja uma pessoa trans e caso não apareça uma pessoa trans qualificada para a determinada função eu chamo uma pessoa cis. Mas a prioridade do festival é trabalhar com pessoas trans em todas as áreas. (Naomi, travesti, moradora da Casa Nem).



*Figura 9: Naomi Savage em desfile para marca Panupanu, no Circo Voador.*

Ainda que a Casa Nem estivesse promovendo diversos projetos de impacto social e colaborando para a realização de sonhos conjuntos, em dezembro de 2018 ocorreu o despejo. Mesmo com tantas lutas e esforços, não foi possível manter a Casa Nem no Beco do Rato, Lapa. Foi preciso buscar outro lugar para abrigar as muitas possibilidades de transformação que é a Casa Nem.

A semente da esperança já tinha sido plantada, a materialização e sucesso desse projeto já tinham sido experienciados e com tamanha potência não poderiam desaparecer com essa primeira derrota. A Casa Nem precisava continuar existindo. Ao ser despejada, a Casa participou da ocupação cultural do Automóvel Clube do Brasil no Passeio Público em 2018<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Disponível em:  
<<https://oglobo.globo.com/rio/grupo-revidindica-ocupacao-do-antigo-automovel-club-pede-prefeitura-que-predio-vire-abrigo-centro-cultural-23066400>> Acesso em 14 de Jan. 2022

Em seguida foram para a ocupação Denise em Botafogo, em 2019. Depois integraram a ocupação Elza Soares em Vila Isabel, também em 2019. Chegando nessa última ocupação, a Casa Nem se uniu à Frente Internacionalista dos Sem Teto (FIST). A FIST é uma organização ativa em diversas ocupações do Rio de Janeiro, contando com o apoio jurídico de seu fundador André de Paula, que atua há mais de 40 anos como Advogado em ocupações. Esse foi um período de amadurecimento político para as lutas da Casa Nem, pois dessas passagens por outros espaços e dessa união com a FIST, a Casa Nem se engajou ainda mais na luta por moradia, em especial para pessoas trans.

E, mais uma vez, um despejo. Em julho de 2019, a Polícia Militar do Rio de Janeiro cumpriu um mandado de reintegração de posse, fazendo com que a Casa Nem e outras famílias que também estavam na ocupação Elza Soares ficassem desalojadas. Então, a Casa foi acolhida pela Ocupação Cultural Olga Benário, em Bonsucesso, como foi dito em nota no site de relacionamento Facebook, perfil da Casa Nem:

A justiça, sem nenhum planejamento, colocou todes na rua a partir de 09 hrs da manhã de 10 de julho. A ocupação Olga Benário em Bonsucesso decidiu abrigar temporariamente algumas famílias e as pessoas da CasaNem e entre esses um bebê de 1 ano, um de 3 anos e 2 pessoas grávidas e uma senhora de muletas. (Página da Casa Nem no Facebook)<sup>15</sup>.

Na mesma época, surgiu a oportunidade de ocupar um prédio inteiro na rua Dias da Rocha, em Copacabana, junto com a ocupação Stonewall Inn, que já ocupava o prédio desde abril de 2018, e o apoio da FIST. A Casa Nem ocupou e, enfim, teve um espaço. Era um prédio de 7 andares que abrigava cerca de 50 pessoas. O local estava sem nenhuma manutenção há anos, não tinha luz elétrica nem água encanada, o que é a realidade da maioria das ocupações, e com força coletiva esse problema logo foi resolvido.

Mas para além de questões estruturais, a ocupação tinha outro problema, a vizinhança. Copacabana é um bairro que possui um dos metros quadrados mais caros do Rio de Janeiro, bairro tradicional da classe média e alta. Inclusive, Copacabana foi o lugar escolhido pela direita para a realização das manifestações a favor do governo Bolsonaro, que é abertamente contrário a projetos pela diversidade sexual e de gênero. A Casa Nem recebeu uma série de ataques por parte desses vizinhos, como exposto nessa denúncia feita no dia 19 de julho de 2019 pelo perfil da Casa no Facebook:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/casanemcasaviva/posts/2404967689526358>> Acesso em: 2 de Out. 2020

Pessoas que se acham donos da rua nos trancaram dentro do prédio com correntes grossas e cadeados enormes no portão. Estamos mantidos em cárcere privado por ocupar um imóvel que estava abandonado há anos, servindo como foco de mosquitos, ratos, morcegos e pombos. Agora que foi ocupado pra se tornar moradia vem esses bandidos que se acham donos da rua e nos trancam dentro impedindo nosso direito de ir e vir. Ocupar e resistir junto a LGBTIs e putes! (Página da Casa Nem no Facebook).<sup>16</sup>

Mesmo com essas situações relatadas, foi nesse espaço que a Casa Nem voltou a se organizar com seus projetos, como o PreparaNem, CosturaNem, KuzinhaNem e um novo projeto, o PsicoNem, que presta atendimento psicológico gratuito para pessoas LGBTQIA+.

Durante a Pandemia e, conseqüentemente, a quarentena em março de 2020 por causa do Covid-19, a Casa Nem, junto com a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS Rio), criou um projeto de confecção de 20 mil máscaras, que foram distribuídas gratuitamente para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Para confeccionar 6,8 mil dessas máscaras, a Casa Nem convidou 34 pessoas LGBTQIA+, principalmente trans, para trabalhar, oferecendo a remuneração de 800 reais e gerando renda em um momento tão delicado como uma pandemia. Em cooperação com a Vem Junto Rio, também confeccionou escudos faciais de acetato para profissionais da saúde e outros segmentos que lidam com pessoas vulneráveis.

Simultaneamente a esse projeto, a Casa se inscreveu em editais abertos por empresas privadas destinados à arrecadação de alimentos não perecíveis para a montagem e distribuição de cestas básicas. O que gerou cerca de 2,5 mil cestas e atendeu diversas famílias LGBTQIA+ que estavam necessitando de alimentos em vários locais do Rio de Janeiro. O Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES Rio) e a Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura do Rio de Janeiro mais uma vez se aliaram à Casa Nem para fazer o transporte desses mantimentos no município. Com outras organizações, a Casa também distribuiu quentinhas e roupas para pessoas em situação de rua e ração para seus animais.

Adicionalmente, a Casa Nem convocou uma reunião com outros 11 abrigos para pessoas LGBTQIA+ do Brasil e desta reunião surgiu a Rede Brasileira de Casas de Acolhimento para LGBTQIA+ (REBRACA LGBTQIA+), com quem a Casa Nem novamente distribuiu materiais de higiene pessoal e de limpeza, cestas básicas e ajudas financeiras por diversos locais do Brasil. A Casa articulou uma parceria com a All Out

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/casanemcasaviva/posts/2418576631498797>> Acesso em 2 de Out. 2020)



Brasil<sup>17</sup>, que é um movimento global que luta pelos direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgênero, arrecadando 60 mil reais. Valor que foi destinado a REBRACA LGBTQIA+, o que gerou cerca de 5 mil reais para cada casa de acolhimento.

Contudo, esses projetos e o apoio da prefeitura não foram suficientes para conter as recorrentes ameaças de despejo. Até que, no dia 24 de agosto de 2020, o despejo foi novamente inevitável, mesmo durante a pandemia do Covid-19

A justiça não pode, em um momento de caos e pandemia que vivemos atualmente, com mais de 50 mil mortos, simplesmente mandar despejar mais de 60 pessoas que ficarão desabrigadas e expostas à contaminação de um vírus que é mortal. Isso seria o mesmo que assassinar. (Página da Casa Nem no Facebook).<sup>18</sup>



Figura 10: Desocupação da Casa Nem do edifício na Rua Dias da Rocha, em Copacabana (2020).

<sup>17</sup> . Disponível em <<https://allout.org/pt>> Acesso em: 14 de Jan. 2022.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/casanemcasaviva/posts/3148283615194758>>. Acesso em: 14 de Out. 2020.



Figura 11: Manifestantes fazendo cordão humano para impedir desocupação da Casa Nem em Copacabana.

Com o despejo, mais de 50 pessoas foram expulsas de seu lar. A prefeitura do Rio de Janeiro havia firmado o acordo de ceder uma casa no Bairro do Flamengo para a Casa Nem em meados de 2020, mas o despejo aconteceu antes desse espaço ficar pronto para receber a Casa Nem. Por isso, as pessoas que não encontraram nenhum outro lugar para ficar se abrigaram no Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral, também em Copacabana. A escola estava sem aulas devido a pandemia. As pessoas da Casa mais uma vez se depararam com a hostilidade da vizinhança:

No final de semana as pessoas da Casa Nem que foram alocadas no Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral, em Copacabana, na Rua República do Peru, nº 104, sofreram ataques da vizinhança. Foram lançados garrafas, lixo e cabeças de explosivos que quase atingiram 2 transvestigeneres que já sofrem ataques racistas por serem negras. Também lançaram essas cabeças de explosivos contra os animais de estimação. (Perfil de Indianarae no Facebook).<sup>19</sup>

Nesse Colégio, a Casa Nem permaneceu por 18 dias, em meio a diversas violências. E, finalmente, no dia 11 de setembro de 2020, a Casa Nem, depois de muita luta, teve uma grande vitória. A prefeitura do Rio de Janeiro cumpriu um acordo, cedendo uma casa na Rua 2 de Dezembro, no bairro do Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro, para que a Casa Nem pudesse ocupar como espaço de moradia e projetos sociais voltados à população LGBTQIA+, com foco nas pessoas trans. A casa conta com seis quartos, dois banheiros, sala e cozinha. Há, contudo, uma concessão de uso limitada a 5 anos, que poderá ser renovada por mais 5. E será abrigo de diversos

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/indi.siqueira/posts/1449104951940975>>. Acesso em: 21 de Out. 2020.

projetos, sonhos e possibilidades de transformações individuais e coletivas. Casa Nem, Casa viva!



Figura 12: Indianarae Siqueira posa no segundo andar da nova Casa Nem, na Rua Dois de Dezembro, no Flamengo, em meio a ativistas e autoridades.

A Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro escreveu nota com depoimentos comentando sobre a cessão:

A Secretária de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, Cristiane Lamarão, ressaltou a importância deste novo abrigo para a população LGBT+: “A comunidade LGBT é a que mais sofre com o abandono dos familiares e a invisibilidade da sociedade. Entregar esse novo espaço de acolhimento é apoiar e dar continuidade a uma causa tão nobre,” afirma Lamarão.

De acordo com Thiago Miranda, Subsecretário de Direitos Humanos e Coordenador do Programa Rio Sem LGBTIfobia, o Governo do Estado não poderia ficar inerte perante a situação da Casa Nem: “Enquanto poder público estadual, não poderíamos nos omitir não prestando assistência a população LGBTI da Casa Nem. Abrigamento não é nossa responsabilidade, mas abraçamos a causa de fato. Depois da luta de muitos, articulação e parcerias vamos resolver definitivamente esse problema”.

“Os moradores da Casa Nem precisam de acolhimento e segurança. Sabendo da urgência do assunto, o Governo do Estado em tempo recorde organizou a burocracia necessária para permitir a cessão de um dos nossos imóveis para atender esta demanda. Vamos levar um pouco de tranquilidade para pessoas que realmente precisam e esperamos estar contribuindo para uma sociedade



mais igualitária.”, explica Juarez Fialho, Secretário de Estado das Cidades. (Governo do Estado do Rio de Janeiro - Notícias)<sup>20</sup>

A pesquisa de campo qualitativa, mostra como a luta da Casa Nem é uma luta baseada no afeto e na ação coletiva; uma luta que está viva e contínua enquanto escrevo esse texto. Como mostra Indianarae na sua entrevista, quando perguntei o que é a Casa Nem:

Um local de sociabilização LGBTI que não existia fora dali, né? Era o único lugar onde se podia trabalhar e estudar, conviver, simplesmente ir lá (...). era um lugar de segurança, lugar de festas, onde os corpos não podiam ser ultrapassados a barreira né? Do tocar ou não tocar. Então tinha desconstruções, tinha todos os problemas também que a casa acabava absorvendo das pessoas que chegavam, todos esses problemas que casa acabava desconstruindo, né? Então, era na realidade para além de um lugar de solidariedade, era um lugar de convivência mesmo, uma sociedade... era um gueto naquele lugar. Era um gueto LGBTI onde a maioria dos comércios LGBTI já tinham fechado, vários pontos de acolhidas LGBTI os héteros já tinham tomado conta, já tinham havido agressões como em boates LGBTI etc e tal. Então, o pessoal fluiu pra aquele espaço quando houve justamente esse rompimento da Casa Nuvem, de heteros, pessoas LGBTI de uma classe e Econômica superior, que usava aquele espaço também no sentido de dizerem que faziam política, que era um local descontraído, mas que não era. Então, quando houve também esse rompimento, acho que para a galera LGBTI, foi uma coisa meio que revolucionária, era meio o que eles queriam fazer com a sociedade, romper, dar uma porrada, expulsar, sabe? E tomar um lugar. Acho que a Casa Nem foi mais ou menos isso, pra eles era um espelho do que eles tinham uma vontade de fazer na sociedade que não fizeram e que a Casa Nem fez, dessa maneira, expulsou a galera, tomou um espaço por mais crítica que recebeu, foi atacada etc e tal mas sobreviveu. acho que foi uma reparação histórica mesmo.

Ainda nessa entrevista Indianarae aponta:

É uma comunidade, é uma galera que se vê como uma família só, como fazendo parte de algo, e pela casa passou tudo isso, passou um número de pessoas que a casa foi um centro onde essas pessoas se encontraram, se não fosse a casa elas não teriam se encontrado, ou teriam demorado bem mais tempo para se encontrar, se encontraram ali e criaram relações, sejam afetivas, morar juntos, ou relações de trabalho, de coisas que se encontraram ali. Dali também nasceram projetos, a galera sapatão e lésbica, que se encontrou ali que acabou formando outros espaços, outros coletivos, acabou saindo as Brejeiras, filmes, documentarios, coletivos, coisas que nasceram a partir dali, pessoas se encontraram, pessoas se formaram por ali, Djs em festas, aprederam a produzir festas, aprederam a trabalhar e hoje trabalham por aí. A Casa fez tudo isso, foi uma rede que foi se encontrando e se expandindo, se encontrando e se expandindo. Acho que isso também foi muito bom! Eu acredito que isso foi o melhor que surgiu da casa, foi isso, das pessoas aprenderem a se encontrar, elas tinham um espaço onde elas se concentravam e se encontravam e que elas levaram isso pra fora da Casa, elas

---

20

Disponível

em:

<[http://www.rj.gov.br/secretaria/NoticiaDetalhe.aspx?id\\_noticia=7903&pl=governo-do-estado-cede-im%C3%B3vel-para-abrigar-casa-nem](http://www.rj.gov.br/secretaria/NoticiaDetalhe.aspx?id_noticia=7903&pl=governo-do-estado-cede-im%C3%B3vel-para-abrigar-casa-nem)>. Acessado em 14 de Out. 2020.



não precisam só da Casa para se encontrar, elas fazem isso em vários outros lugares onde estão. Isso é muito bom também.

É com essa fala, na voz dos nossos, que reafirmo a importância da Casa Nem para os moradores e a sociedade como um todo. A esperança que essa construção coletiva e afetuosa é fundamental para seguir a luta LGBTQIA+ sabendo que podemos vencer e sobreviver com dignidade. Casa Nem, Casa viva!

## Considerações Finais

Na sociedade cisheteronormativas corpos LGBTQIA+ tem sua existência ceifada, e precisam lutar diariamente para seguirem vivos. É nesse cenário que surge a necessidade de se organizar politicamente. Travando batalhas por direitos básicos como: educação, saúde e moradia, para garantia dessa vida. A união dessas existências que não são passíveis de luto é uma potência revolucionária.

A Casa Nem é uma potência revolucionária, porque foi e é mais que um espaço. É uma comunidade, um gueto, um quilombo urbano, como escreveu Indianarae, em que a sociabilidade é um aprendizado. A Casa Nem é, além de tudo, uma escola de sociabilidade não cisheteronormativa, que aglutinou corpos plurais. Nela conseguimos criar diversos mecanismos para lutar contra as estatísticas alarmantes da realidade dos corpos LGBTQIA+ no Brasil. Ocupamos casas, criamos um pré vestibular para travestis e pessoas trans, para que a universidade seja uma possibilidade real se esse foi o desejo. A Casa Nem oferece teto, comida, respeito.

A história é hegemonicamente narrada por outros corpos ou corpos que podem até sofrer algum nível de opressão, mas que são corpos em sua maioria brancos e cis. Esse trabalho busca escutar vozes plurais para dar conta das histórias de diferentes perspectivas, quanto mais diverso, mais rico e completo se torna o debate sobre gênero e sexualidade. Escutar a narrativa de corpos não cisnormativos é fundamental para a produção de ferramentas na luta contra as opressões. Para poder escrever em conjunto histórias que realmente representam positivamente e consideram os percalços vividos dentro dessa pluralidade. Dessa forma, a escrevivência aparece não apenas como um conceito guia neste trabalho mas como um elemento chave para a criação de afeto e sobrevivência LGBTQIA+.

Desse modo, durante a pesquisa, ficou nítido que as problemáticas que surgiram durante as entrevistas são maiores que a academia, mas nem por isso devem ser negligenciadas por ela. Precisamos não apenas reconhecer que existem corpos que a sociedade patriarcal cisheteronormativa não quer que existam, e cria diversas ferramentas para destruir essa subjetividade que fogem as suas normas; que tentam nos matar a todo instante. Mas também que as resoluções que vem ruas e na luta organizada LGBTQIA+ também precisam ser tema dos nossos estudos. Esse trabalho foi, portanto, uma breve apresentação de algumas e potentes artimanhas de sobrevivência: a educação, as ocupações dos espaços, a união dos corpos dissidentes.

Essa trabalho se dedicou a contar essas histórias da maneira mais horizontal que consegui elaborar. De um lugar, comunidade, gueto revolucionário, que precisa ser conhecido, as pessoas precisam saber que lugares assim existem. É necessário que a academia saiba desses espaços e dessas artimanhas de existência, principalmente para melhor acolher pessoas LGBTQIA+ em seus campus, aulas e palestras. Há uma demanda latente na sociedade para aprender o que a Casa Nem pôde ensinar, mas isso precisa ser expandido para outros contextos. De forma a ser possível gerar uma educação e um acolhimento não cisheteronormativo. Essa esperança deve ser mantida acesa, por isso é indispensável que as pessoas conheçam essas histórias para se organizarem e criarem seus próprios espaços de resistência e luta contra as opressões.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo. 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face** Editora, Cidade, Estado, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte, MG: Letramento; Justificando, 2017.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, (5), 7-41. 1995.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013
- IAMAMOTO, M. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** São Paulo: Cortez, 2007.
- IANNI, Octavio. **O ciclo da revolução burguesa.** Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- JESUS, Jaqueline Gomes de (org.). **Transfeminismo: teorias & práticas.** Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014.
- LORDE, Audre. **Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo.** In: LORDE, Audre. **Irmã outsider.** 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2020 [1984]. cap. 12, p. 155 - 167.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> Acesso em 20/07/2021.
- NASCIMENTO, Tatiana. **Cuir a p (ou oriki de Shiva)**  
<https://palavrapreta.wordpress.com/2016/07/10/apocalipsecuier/> acesso em junho de 2022.

- PIEDADE, VILMA. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrasexual**, São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Crônicas da travessia. Editora Zahar. 2020.
- SIMÕES, Júlio Assis. FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- SODRE, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, Editora Vozes, 2006.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso : A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.